



5175 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT12 - Currículo

MEMÓRIA E INFÂNCIA: MODOS OUTROS DE OLHAR, PENSAR E SENTIR O CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Dilson Miklos - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

MEMÓRIA E INFÂNCIA: MODOS OUTROS DE OLHAR, PENSAR E SENTIR O CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RESUMO

O ensaio coloca em evidência os conceitos de memória e infância no contexto da formação de professores e suas ressonâncias no currículo que tem, no campo do sensível, um *locus* de reflexão a partir de outros arranjos conceituais. Walter Benjamin ajuda-nos a extrair os enunciados de uma *práxis poética* que tem a palavra e a imagem (*narrativimagem*) como uma unidade constitutiva do pensamento. Ainda, há um esforço, na companhia do filósofo berlinense, de compreender o processo de “escavação” da memória, as reminiscências da infância e o tema da aura - questão esta central sobre a reprodutibilidade técnica da imagem. Susan Sontag e Roland Barthes ancoram as reflexões que atravessam o campo da imagem fotográfica, amplificando os ecos dessa experiência poético-pedagógica.

Palavras-chave: currículo; formação de professores; Walter Benjamin; *narrativimagem*; *práxis poética*.

RASTROS, VESTÍGIOS E MEMÓRIA

A memória é um patrimônio infinito do qual só inventariamos fragmentos. A sua máscara é forjada na ação que se faz sobre o tempo e no tempo. A intensidade e aceleração vertiginosa que os meios de produção impuseram ao cotidiano contemporâneo – fenômeno este já analisado por Walter Benjamin na modernidade – destrói os suportes materiais da memória, bloqueia os caminhos da lembrança, arranca seus marcos e apaga os seus rastros. O esforço, dentre muitos outros, no contexto da disciplina de Arte e Educação, ministrada em um Curso de Pedagogia, é refazer caminhos, resgatar “pegadas”, distender fronteiras e reconhecer vestígios com as *práxis poéticas* [1].

Outra manobra, violenta e sinistra, que sufoca as reminiscências, é a História oficial que se coloca como a celebração da vitória do vencedor e, no sentido oposto, é uma força impiedosa que esmaga a tradição dos vencidos, ou seja, o direito à palavra das classes populares. Com as *narrativimagens* [2] aprendemos a “andar na trilha” deixada pelo pensamento do outro, reconhecemos na sua reflexão uma matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão e, por conseguinte, do currículo na formação de professores. O encontro com as *narrativimagens* é o compromisso com a história, a percepção e o movimento de vida do outro. E, neste fluxo, colocamos em evidência a existência das memórias como parte constituinte de nós e do mundo.

Faculdade épica *par excellence*, a memória, segundo Walter Benjamin (1994), atravessa aquele que narra: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Ibid, p. 201). Para o ensaísta alemão, o primeiro indício que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que difere o narrador do romancista é que este último segregou-se. “A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los” (Ibid, p.201). A memória se comunica com a experiência e, nesse intercâmbio, mostram-se indissociáveis. De fato, a contemporaneidade apresenta desafios outros neste campo, o que não significa que hoje não existam mais experiências, mas estas se concretizam fora do sujeito. Giorgio Agamben (2005) ilustra, de forma precisa, a questão:

Uma visita a um museu ou a um lugar de peregrinação turística é, desse ponto de vista, particularmente instrutiva. Posta diante das maiores maravilhas da terra (digamos, o *patio de los leones*, no Alhambra), a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje a experimentá-las: prefere que seja a máquina fotográfica a ter a experiência delas. Não se trata aqui, naturalmente, de deplorar esta realidade, mas de constatá-la. Pois talvez se esconda, no fundo desta recusa aparentemente disparatada, um grão de sabedoria no qual podemos adivinhar, em hibernação, o germe de uma experiência futura. A tarefa que este escrito se propõe – retomando a herança do programa benjaminiano “da filosofia que vem” – é a de preparar o lugar lógico em que este germe possa atingir a maturação. (Ibid, p.23)

É nas palavras de Agamben que o projeto *Arqueologia de saberes, imagens e afetos* [3] deposita a sua confiança, tentando lastrear pistas que possam fazer sentido para que a experiência ocorra no e com o sujeito e não fora dele, restituir-lhe, através das *práxis poéticas* e *narrativimagens*, o espaço e o tempo da memória, do território do brincar, da infância e do olhar. Uma pedagogia plena de *poiésis*.

Em *Infância em Berlim por volta de 1900 (Berliner Kindheit um 1900)*, Walter Benjamin (1995) faz um mergulho no microscópico, trazendo as impressões cotidianas e subjetivas da sua criança no limiar do século XX, em sua cidade natal, a Berlim de outrora. Concluído em 1932, o texto é uma série de fragmentos, uma escrita que remete ao trabalho de escavação do arqueólogo: o que vem à superfície é a imagem da cidade em miniatura, os relatos escolares, as narrativas

das viagens, as brincadeiras, como caçar borboletas, os desejos e as situações experimentadas pela criança Walter. A *Despensa*, um dos textos que integram *Infância em Berlim*, é uma verdadeira torrente de imagens e de sedução:

Na fresta deixada pela porta entreaberta do armário da despensa, minha mão penetrava tal qual um amante através da noite. Quando já se sentia ambientada naquela escuridão, ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas ou as frutas cristalizadas. E, do mesmo modo que o amante abraça sua amada antes de beijá-la, aquele tatear significava uma entrevista com as guloseimas antes que a boca saboreasse sua doçura. Com que lisonjas entregavam-se à minha mão o mel, os cachos de passas de Corinto e até o arroz! Com que paixão se fazia aquele encontro, uma vez que escapavam à colher! Agradecida e desenfreada, como a garota raptada de sua casa paterna, a compota de morango se entregava mesmo sem o acompanhamento do pãozinho e para ser saboreada ao ar livre, e até a manteiga respondia com sua ternura à ousadia de um pretendente que avançara até sua alcova de solteira. A mão, esse *Don Juan* juvenil, em pouco tempo, invadira todos os cantos e recantos, deixando atrás de si camadas e porções escorrendo a virgindade que, sem protestos, se renova. (Ibid, p 87-88)

Em outro fragmento, intitulado *A Lontra*, Walter esmiúça os mistérios dos lugares discretos e esquecidos sugeridos pelo seu passeio no zoológico:

Pois como há plantas que, segundo dizem, possuem o dom de nos fazer ver o futuro, também há lugares que têm esse poder. Em geral, são sítios abandonados, e também as copas de árvores acudadas contra muros, becos sem saída ou entradas de jardim, onde ninguém jamais se detém. Em tais lugares, parece ser coisa do passado tudo o que nos espera. Portanto, sempre que me perdia naquele trecho do zoológico, regalava-se com uma espiadela por sobre o parapeito do poço, que se erguia ali como se fosse no centro de um parque de águas termais. Era a jaula da lontra. (Ibid, p.94)

A *práxis poética* “Memória e Infância: territórios do brincar na formação de professores” se inspira nas memórias de Benjamin, reposiciona a palavra e a imagem em uma unidade do pensamento e propõe pensar o currículo a partir de geografias outras. As veredas que apontam para as *narrativimagens* partem também de algumas outras costuras e referências que remetem ao tema da infância, que foi objeto de abordagem em sala de aula. Nesse percurso, encontramos com o livro “*Memórias inventadas: a infância*”, do poeta goiano Manoel de Barros, e tivemos o privilégio de ler coletivamente suas histórias e imaginar aqueles espaços e tempos em um exercício de reflexão e criatividade. Demos um salto, inspirados pelo poeta, e escrevemos o que nomeamos de “*Histórias Inventadas*”, um livre processo de escrita cujo único compromisso era com o exercício de fabulação. Depois, encontramos com o filme de animação “*A flor mais grande do mundo*”, baseado na obra “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago, que se transforma (o escritor português) em personagem e nos conta que uma vez teve uma ideia para um livro infantil: inventou uma história sobre um menino que faz nascer a maior flor do mundo. O filme de animação do espanhol Juan Pablo Etcheberry conta a história desse menino, e Saramago pergunta: se as histórias para crianças passassem a ser leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar? Prosseguimos na nossa errância e encontramos o documentário “*Território do Brincar*”, que apresenta o universo lúdico infantil de Norte a Sul do país. Segundo a educadora Renata Meirelles, coordenadora do projeto, uma das propostas é aproximar o adulto do universo infantil e, ao optar olhar o brincar, faz-se uma aposta no que há de mais belo e potente na infância. Como desdobramento, trouxemos para a sala de aula as brincadeiras preferidas, um momento de troca intensa de experiências em que revivemos memórias sutis da infância e transformamos, literalmente, o espaço e o tempo da disciplina Arte e Educação em um território do brincar. Visando ampliar os sentidos desse contexto formador, o discente foi incentivado a revisitar as suas memórias, as reminiscências mais profundas e sutis, os sentimentos, as emoções e os espaços que permearam a sua infância, e, a partir da do seu território do brincar, mergulhasse na escrita, em forma de narrativa, desse conjunto de experiências. Também, junto com a narrativa, foi entregue uma imagem fotográfica que expressa a síntese da experiência do seu território do brincar. A imagem em si poderia ter sido apropriada do arquivo de imagens da sua infância ou criada exclusivamente para o contexto da jornada. Também foi sugerido que as imagens disponíveis na internet não fossem utilizadas. Majoritariamente constatou-se que as imagens foram criadas e não resgatadas de álbuns de família ou arquivos de imagens. A imagem que integra a *narrativimagem* é uma escolha do discente. Foi ressaltado o livre processo de criação da narrativa e captura do registro fotográfico, que os discentes fossem guiados pela intuição, pelo que realmente é parte constituinte de cada um deles, percebessem que a narrativa é um processo de escrita que ressalta o nosso universo das miudezas e de traços que revelam mais da nossa natureza subjetiva e do conteúdo soterrado pelo tempo, ou seja, a memória. Voassem alto em direção a eles mesmos. Lembrassem-se dos textos: *Notas sobre o Saber da Experiência*, do Jorge Larrosa (2015), o *Narrador e Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin (1994) e da *Narrativa como Método*, de Nilda Alves (2000), entre outros autores, e também das nossas trocas, sobretudo as simbólicas, no território da disciplina Arte e Educação.

NARRATIVIMAGENS: ESCAVAÇÕES DA INFÂNCIA[4]



Foto: A. A

Tive uma infância humilde, mas bem feliz. Nasci na comunidade do Cantagalo, zona sul do Rio. Sou filha de mãe solteira - cuja profissão na época da minha infância era costureira -, fui criada com minhas primas, que graças a Deus, regulavam a idade comigo, o que permitia ter acesso aos brinquedos e roupas delas também. Éramos três meninas: Adrine, A. e Naiana. Brincávamos que éramos as três mocinhas elegantes: cobra, jacaré e elefante. Minha mãe trabalhava muito, e como eu não tinha pai presente, eu ia sempre de companhia com os pais delas, meus tios e tias, para onde minha mãe não podia me levar. E assim, eu sempre ia para as festinhas, igreja, praia, creche e no parque andar de patins com eles. Meu primeiro objeto de desejo, depois da boneca Barbie, foi a minha bicicleta rosa, eu lembro que fiquei muito emocionada quando vi a minha bicicleta pela primeira vez e até chorei, pois, minhas primas já tinham bicicleta, já sabiam andar e eu era a única que ainda não tinha. Não me lembro ao certo com quantos anos fui para a creche, mas a primeira

experiência escolar foi na creche da Igrejinha, no morro do Cantagalo mesmo. Aliás, minha prima Adrine, que é Pedagoga, é professora dessa creche há quatro anos. Brinco com ela, e digo que ela gostou tanto de estudar na Igrejinha que resolveu voltar para dar aulas lá e reviver os bons tempos da nossa infância. Ela sempre responde com a ironia de uma velha infância: “você acertou!” Minha infância na Igrejinha foi uma época muito divertida. Lembro-me da tia Jane, minha professora, que cuidava da gente, e sempre nos pintava para as festinhas juninas. E eu, muito curiosa, sempre perguntava a ela porque tínhamos que pintar o rosto e dentes de preto, como se os nossos dentes estivessem estragados. E ela com toda paciência respondia: “se não for para eu e as minhas crianças se vestirem a caráter melhor nem participar da festinha”. Na época, eu não entendia o significado da expressão “a caráter”, então eu sorria. Aí eu lembro que ela pegava uma revistinha em quadrinhos e mostrava os personagens Cascão e Zé Bento da turma da Mônica e dizia: “viu como eles também estão bonitos para participar da caipira”. Eu balançava a cabeça e ela sorria... E ela saía me levando para dançar. Eu sempre fui grandona, então sempre ficava por último no trezininho da alegria. Mas eu caprichava na dança na hora de passar. Nestas festinhas tinham sempre as brincadeiras de pescaria, pega-pega, dança das cadeiras, três Marias e a própria dança caipira que nós fazíamos ao redor de uma fogueira artificial. Eu lembro sempre de estar catando umas pedrinhas para brincar com as minhas primas de três Marias. Nós combinávamos que quem ganhasse o jogo ganharia um doce. Eu, como sempre fui e sou até hoje, louca por doce, lógico, me empenhava para ganhar. A simplicidade da brincadeira das três Marias me emociona bastante, porque é uma brincadeira que pode ser compartilhada e/ou jogada sozinha – e houve algumas vezes que as minhas primas iam andar com as bicicletas delas e não queriam me emprestar -, o que é normal dentro do universo infantil, eu me sentia triste... Mas eu lembrava das minhas “Marias pedrinhas” e logo a tristeza passava e eu ia ver onde elas estavam e começava a jogar. Colocava as minhas bonecas para jogar comigo e nem via a hora passar. Até que minha vó me chamava para tomar banho antes da minha mãe chegar pra ela não brigar comigo. E assim, alguns meses se passaram, ou anos talvez, eu não sei mensurar, afinal eu era criança! De repente, lembro da minha mãe chegar com ar de cansada num dia típico da semana, mas com a voz suave e expressão de quem parecia feliz e dizer assim pra mim: “tem um presente te esperando na laje” acho que você vai gostar. Quando eu subi na laje e vi que era a minha bicicleta rosa, eu chorei e na mesma hora fui andar com meu presente! Coisas de criança mesmo! E os dias se passaram, e eu continuava minha saga diária, com a minha bicicleta rosa, minhas bonecas, mas sem me esquecer de brincar também com as minhas “Marias pedrinhas”. **A.A.A**



Foto: G.A.R

Complexo do Alemão comunidade onde passei minha infância, com muita alegria, não tive tanto amor, pois pai eu não tinha, não me assumiu, minha mãe teve que ir à luta trabalhando como babá, com isso só podia estar comigo a cada 15 dias. Para suprir a falta de amor fui criada pelos meus avós que me amaram e me educaram, ambos já falecidos e dói, foi nesse âmbito que passei a minha infância, na qual estavam inclusos primos e amigos e foi nesse meio onde eu brinquei, chorei, ri e posso afirmar que eu fui feliz. A lei era a seguinte: “sobrevivia” quem se adaptava melhor às condições oferecidas, que não eram tão boas assim, comia o que tinha durante a semana, mas no domingo, a no domingo, minha avó comprava e fazia uma galinha de seco, no complemento arroz, feijão, salada e a coca cola de 1 litro que era para todo mundo. Nessa comunidade era onde eu brincava e brincávamos de tudo, não posso reclamar apesar da ausência da minha mãe, ela proporcionava bons brinquedos e roupas, coisas que alguns não tinham, mas eu era uma menina boa, pois dividia o que tinha, mesmo porque se não dividisse apanhava da minha avó e dos meus primos (rs). Brincar era o nosso lema e brincávamos de tudo, casinha, boneca, queimado, amarelinha, pique esconde, salada mista, pião, carniça, enfim, uma infinidade de brincadeiras que ficaram na minha memória, agora nada mais marcante do que pular elástico e jogar pedrinha, perdinha porque quem me ensinou foi a minha avó, me lembro que ela pegava cerca de 20 pedrinhas e sentava comigo no quintal com os seus dedos tortos e me ensinava como jogar as pedrinhas para o alto e ao mesmo tempo pegar, era uma das poucas vezes que minha avó me dava atenção exclusiva, ficava brincando um tempão e a outra era brincar com o meu elástico com as minhas primas e colegas, nesse momento ficávamos horas pulando, disputando quem pulava melhor. Enfim, posso afirmar que fui feliz na minha infância através das brincadeira infinitas, pois tive amor dos meu avós e mãe. **G.A.R**

Era uma vez, uma história de um jovem garoto que morava em num bairro chamado Rocha Miranda. Muito pobre, filho de pais separados, mãe muito zelosa que não deixava ele ir para rua. As brincadeiras dele tinham que ser dentro da sua própria casa, ele jogava videogame, ele brincava de dama, ele brincava com os colegas que morava na avenida, ele brincava de tudo que podia ser feito dentro da sua fila e de sua casa.



Foto: C.F.F

Esse menino olhava para o seu quarto, naquele lugar toda sua história e fantasia foram construídas, com uma pequena televisão, ainda preto e branco cercada de móveis rústicos e antigos, casa úmida, pequena, simples, de uma mãe que só andava buscando trabalhar para cuidar desta criança. Sua vida era inventar histórias, sua vida era criar novas fantasias, imaginava o seu lar, com a sua TV preto e branca, criando novas histórias para a ele mesmo contar. Sua televisão, sua melhor amiga, seu videogame seu melhor companheiro, seu jogos que ainda lembrava muito bem, como pac-man, era um dos seus preferidos. O tempo passava, essa pequena criança crescia. O quarto ia ficando menor, mas as brincadeiras e o lugar de brincar ainda eram os mesmos. Quando muito tinha oportunidade de jogar bola no meio da Avenida que morava, de brincar de gude em frente à sua porta de casa, essa era a vida desse menino caseiro donde o lugar que tinha de especial era dentro do seu próprio lar. Muitas lembranças foram construídas, muitas histórias a se contar, desse jovem menino que vivia a brincar no seu próprio lar. Ele e sua mãe dividiam as felicidades, no pouco que tinha, com muita luta e suor, trabalho e dignidade, essa mãe amada e querida que cuidava dele e de tudo com muito carinho, pois era sua única pedra preciosa que tinha para zelar. Ele buscava ajudar, a sua mãe que vivia a trabalhar, logo bem cedo ele saía para escola e quando chegava sempre na hora do almoço, com muita fome comia aquilo que tinha e assistia à televisão vendo aqueles programas da época, seus desenhos que lá passavam, assistindo até mesmo o Bozo e os desenhos do Mickey Mouse, pica pau e do sitio do pica pau amarelo. Além de estudar, em casa tinha seus afazeres, suas tarefas e obrigações, cuidava do Lar, ajudava a limpar, ajudava na cozinha e até a cozinhar. Essa é a história de um pequeno menino que no tempo de criança não tinha muito a infância, não tinha muita história pra contar. Passear no parque, futebol, pelada, banho de chuva, brincar na areia, não faziam parte de sua história, não fazia parte do seu dia, não teria como ele lembrar. Ao contar essa história, até me faz lembrar, de que quem conta ela, é o mesmo que hoje quer brincar. Hoje, personagem adulto que sou, olho para o passado e lembro o quanto minha mãe se sacrificou, o quanto minha mãe lutou, se anulou e o quanto que me protegeu, de tudo que o mundo poderia fazer ou oferecer, que destruísse sua única riqueza que um dia ela concebeu. Esse foi o território do brincar, que ela buscou criar, fazer e proporcionar para não deixar que essa pedra preciosa, preciosa criança, se perder ou se desviar do sonho que ela teve e não conseguiu alcançar. Hoje, a esperança de um novo amanhecer, dessa criança que tem nome, que honra, com alegria e satisfação, essa mãe amorosa que com tanto zelo cuidou e ainda cuida, ama. O nome desse território do brincar, que se chama saudade; saudade e lembrança de tudo aquilo que quando era criança me fez o homem que sou hoje. **C.F.F**



Foto: C.P

Então, vamos iniciar a história, porém tem um probleminha, não tenho a mínima ideia por onde começar. Irei tentar, ok? Eu vim para o Rio de Janeiro quando tinha apenas cinco anos, fui criada por uma família do interior, meus pais trabalhavam muito para sustentar a casa, minha irmã era uma adolescente e não brincava comigo. Como meus pais trabalhavam o dia todo e minha irmã estudava no turno da tarde, eu ficava quietinha dentro de casa na maior parte do tempo, tentando me distrair dançando e cantando as músicas de floribella, rouge e rebelde ou apenas brincava de boneca, no entanto quando minha mãe me deixava ir para a rua, via naquele lugar um mundo novo para ser descoberto. Recordo-me que vivia várias aventuras naquela simples rua, mas tem uma em especial que adorava fazer. Quando minha

mãe chegava do trabalho, lá pelas 18 horas, eu pedia para ficar na rua, então a magia acontecia. Naquele momento eu ficava no meio da rua abaixada procurando pedrinhas ou na terra com minha peneirinha catando as pedrinhas. Era uma experiência que me deixava tão feliz, pelo brilho que via naquelas humildes pedrinhas, elas na minha imaginação eram joias que ninguém havia percebido porque passavam despercebidas e não era algo importante olhar para o chão. Nesse simples momento eu apenas era uma exploradora que enxergava beleza e encanto em algo simples. Minha imaginação foi algo que alegrava minha realidade, quando estava sozinha viajava para vários lugares e poderia ser qualquer coisa. Naquele momento na rua eu apenas era uma menina que sonhava encontrar algo precioso e só apreciava a beleza de algo tão pequeno. **C.P**

Por onde início? Pelo começo, é claro! Pelo menos devia ser. O problema é que não lembro, guardo muitas coisas de minha infância, e as que me vem à memória não são tão interessantes para escrevê-las daí não sei por onde começar. Mas sabe, à medida que vou escrevendo parece que vou voltando a ser criança e vou me distanciando dos problemas peculiares do cotidiano de um adulto, e percebo que algumas lembranças vão tomando o lugar das que estão sendo amortecidas e afastadas pelo esforço de tentar lembrar das miudezas guardadas lá num lugarzinho dentro da cabeça e do coração gente. Que coisa! Chega a ser divertido. Parece que voltamos nossa história de vida e remontamos a partir dos recortes que nos vem à lembrança. Engraçado! São tantas que são despertadas.



Foto: F.C.F

Aparecem todas desordenadamente ao mesmo tempo. Parece que somente escrevendo mesmo será possível dar linearidade e assim registrar como uma história contada a partir da narrativa do protagonista principal. Parece que todo mundo é capaz de viver isso. Aquele que gozando do uso de todos os sentidos, que de suas experiências apreenderam, imagens, sons, gostos, cheiros toque do apalpar e ser apalpado, ficou isso armazenando e guardado na memória, agora é só retomar as lembranças, e depois contar na íntegra, com detalhes nas miudezas. Sabe, acho que vai até despertar no outro algo semelhante ao que ele está sentido. Pois bem, enquanto ia escrevendo tentei dar uma ordenada na cabeça para encontrar um lugar por onde começar. Puxando pela memória, vou até aonde consigo, e começo onde minhas lembranças começam a surgir. Antes morávamos na roça, na roça mesmo. Bem que era a margem de uma rodovia, não era bem na roça assim. Lembro que nossa família era formada por sete pessoas, meus pais e meus cinco irmãos quando nos mudamos para uma cidadezinha do interior, um lugar especial do planeta terra. Só eu sei onde fica. Digo cidade, mais naquela época era apenas um pequeno povoado. Eu tinha apenas seis anos de idade. Ainda lembro o dia que nos mudamos. Foi marcante naquele dia, porque andamos de carro, coisa que somente os adultos faziam quando iam viajar para longe, viagem perto eles faziam a pé mesmo ou de bicicleta ou a cavalo. Enquanto moramos na roça nenhum dos meus irmãos estudou, eu tão pouco. Mas agora que estávamos morando na cidade, minha mãe logo tratou de encontrar um lugar para aprendermos a ler e a escrever, pois assim dizia ela: "quem não sabe ler é como um cego que só anda se for guiado pelos outros". Guardo as palavras de minha mãe até hoje. Primeiramente meu pai me botou para estudar com uma senhora que alfabetizava crianças. Era uma espécie de explicadora contratada para ensinar a cartilha do ABC para as crianças. Tenho poucas lembranças dela. Era dona Maria Ribeiro como nós a chamávamos. Com ela não aprendi muita coisa, ela não brincava nem dava lanche nem cantava com a gente, só ensina A, B, C, D....Nossa mãe que era uma mulher muito religiosa, desde que chegou na cidade passou a frequentar todos os eventos da igreja da cidade e logo arrumou um jeito de nos matricular na escola de catequese para as crianças de minha idade. As aulinhas eram dadas numa meia água, um quartinho construído ao lado da casa paroquial que servia de salão para as reuniões de jovens e aulas de catecismo. O lugar era chamado Centro Juvenil. Agora sim minha história de vida ganha outro sentido. Razão. Lá tinha muitos brinquedos. Lembro-me de todos, da vontade até de rir. Digo muitos brinquedos, mas na verdade não eram muitos, eram muitos para mim que não tinha nenhum. Sabe, me lembro de uma das primeiras coisas que aprendi lá, lavar as mãos antes de comer. Lembro que a catequista, antes de servir o lanche, enchia uma bacia do tamanho médio com água e colocava todas as crianças em fila para lavar as mãos. Nem me pergunte se era na mesma água, claro que era, lá não tinha água encanada saindo da torneira, lá pegávamos água de poço, enchíamos em casa as caixas, de onde era tirada e consumida. Lembro-me que, enquanto estávamos fazendo a fila para lavar as mãos, a catequista cantava uma musiquinha conosco, musiquinha essa que aprendi e nunca esqueci. A musiquinha dizia assim: "Subi na goiabeira fiz uma gangorra. Num galho bem bonito pra me balançar. É hora do lanchinho toca a campainha. A professora pede para eu rezar. Diz que eu já vou lá, lá, lá, lá. Diz que eu já vou lá, lá, lá, lá." Uma lembrança que vem junto ao conjunto de boas lembranças de quando estávamos brincando no salão com aquela quantidade de brinquedos, é que sempre que iniciávamos a fila para lavar as mãos para lanche, era a hora que minha mãe entrava trazendo frescos de abacaxi num bule de alumínio e biscoitos Maria, sim aqueles de maizena redondinhos e gostosos. O sabor do suco de abacaxi, dos biscoitos Maria,

associados à lembranças de minha mãe trazendo todo os dias, foi tão marcante que ficaram na lembrança de tal modo que uma imagem para definir e me faz viver novamente tudo isso, é quando vejo a foto daquele lugarzinho. Era apenas uma meia água, um pequeno salãozinho, eu tinha apenas seis anos quando cheguei lá, mais foi tão marcante que já há muito tempo queria uma oportunidade para contar essa historinha, oportunidade que me motivasse a lembrar e colocar em ordem por escrito as memórias do lugar e do objeto que define muito bem todos os sentimentos que despertam e são novamente remontados. Das lembranças de aprender a lavar as mãos, de cantar a musiquinha, de minha mãe, de lanchar sentindo o gosto do abacaxi e do biscoito Maria. Um bule de alumínio faz isso sempre. Em todos os lugares que vejo um bule de alumínio essas lembranças me tomam, as vezes até me pego cantando a musiquinha. **F.C.F**

IMAGEM, PALAVRA E MEMÓRIA (ARQUEOLOGIA DO FRAGMENTO)

Walter Benjamin literalmente é um escavador da memória. Nesse movimento de escavar e recordar, a memória, no contexto do projeto *Arqueologia de Saberes, Imagens e Afetos*, não é um instrumento, mas, antes, o meio. As *narrativimagens*, em sua essência, respondem ao programa de filosofia de Benjamin, enquanto um despertar dos sonhos coletivos e uma escrita que tem uma fisionomia. Um aforismo realça a importância da abordagem fisiognômica em Benjamin (2006): “Escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia” (Ibid, p.518), e essa forma é modelada com o que está na epiderme do seu tempo. A cultura do cotidiano, as imagens do desejo e fantasmagorias, os resíduos e materiais insignificantes têm a mesma escala de importância, para o filósofo berlinense, que os eventos, as ideias e obras de arte mais eloquentes.

Na ação de escavar e recordar, vão sendo criadas imagens que já nascem autônomas diante da palavra, não são meras ilustrações das narrativas. Enquanto suporte, as imagens são responsáveis por imprimir, na captura de mundo, a sua marca e o seu sentido. A imagem atualiza a palavra, revela camadas ainda não lastreadas pelas reminiscências. Mais do que um mero registro, ela é em si a apresentação do conteúdo da memória que emerge das regiões mais recônditas. Benjamin (1995), ao escrever sobre o processo de escavação, o compara à ação de revolver a terra e o uso das suas ferramentas:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” não são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. [...] A rigor, épica e rapsódicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (Ibid, p. 239-240)

A realidade sempre foi interpretada por meio das informações sugeridas pelas imagens. Segundo Susan Sontag (2004), os filósofos, desde Platão, esforçaram-se em silenciar a dependência da imagem ao evocar um padrão de apreensão da realidade sem passar pelo seu uso. A primeira câmera fotográfica foi apresentada, em 1839, na Academia Francesa de Ciência, por Louis Jacques Mandé Daguerre. Sua invenção era chamada de “daguerreótipo”. Desde então, as imagens fotográficas desfrutaram uma autoridade e uma presença ilimitadas na sociedade contemporânea. Deve-se considerar que “uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária” destaca Sontag (Ibid, p. 170), que assinala também o efeito fragmentário causado pela exploração e duplicação fotográfica do mundo, que passou cada vez mais a se parecer com aquilo que as câmeras capturam.

A fotografia não apenas copia o real, recicla-o. Coisas e fatos, na condição de imagens fotográficas, recebem usos, destinos e significados outros. As imagens que compõem o acervo das *narrativimagens* não estão vinculadas à lógica de consumo e produção de imagens na contemporaneidade, ou seja, o narcisismo, a compulsão e a despersonalização da nossa relação com o mundo. Ao contrário, buscou-se na imagem a síntese de uma experiência e não o seu múltiplo e, também, a imagem como revelação de uma auto(biografia) ou de uma história em andamento. Uma escolha político-poético-pedagógica que observa as imagens como rastros poderosos de uma existência e as pensa juntamente com Sontag: “Se pode haver um modo melhor para o mundo real incluir o mundo das imagens, vai demandar uma ecologia não só de coisas reais mas também de imagens” (Ibid, p. 196).

No ensaio *Pequena História da Fotografia*, de 1931, Benjamin (1994) discorre sobre os impactos da fotografia no campo da arte e da percepção da realidade. No primeiro caso, os efeitos emancipam o pintor de retratar a realidade tal como percebida pelo olhar. A pintura ao ar livre, por exemplo, abria perspectivas inteiramente novas aos pintores impressionistas, no século XIX. “No momento em que Daguerre conseguiu fixar as imagens da *câmera obscura*, os técnicos substituíram, nesse ponto, os pintores” (Ibid, p.97). O segundo impacto coloca em relevo o modo pelo qual a percepção humana é instituída, destacando que não é apenas condicionada naturalmente, mas também historicamente.

O conceito de aura é central nas discussões que o filósofo berlinense encaminha no célebre ensaio *A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica*, de 1935/1936, e também reforça a repercussão perceptiva no sujeito moderno, apontando que o objeto de atrofamento na reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura, ou seja, o aqui e agora do original, que garantem o conteúdo da sua autenticidade e a sua existência única, são colocados em xeque por uma realidade serial. “Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. *Generalizando, podemos dizer que a técnica de reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido*” (1994, p. 168).

As *narrativimagens* são registros de uma época, não falam apenas de uma experiência individual, mas são, sobretudo, a palavra e a imagem comunicando uma experiência coletiva. Talvez, no futuro, sejam fontes importantes para outros pesquisadores. Os discentes, em sua grande maioria, com raras exceções, ocupam a base da pirâmide social. A *narrativimagem de A.*, que abre a seção intitulada *Escavações da Infância*, apresenta a sua mão como uma espécie de autorretrato. A mão, serenamente, repousa sobre a mesa na companhia das “Marias Pedrinhas”. Filha de mãe solteira, criada na comunidade do Cantagalo, na zona sul do Rio de Janeiro, a presença feminina é uma constante nas suas palavras. A avó surge para colocá-la no banho; G. passou a infância no Complexo do Alemão, a sua imagem é o registro fiel dessa geografia e, novamente, a ausência paterna é ressaltada, com a avó tendo um papel importante na organização do cotidiano. As pedrinhas estão lá, compondo o arquivo de alegria das brincadeiras que vem acompanhado com a falta de amor; C. fotografa o ambiente da sala da sua casa. O seu território do brincar é o lar. A mãe, “sua única pedra preciosa”, é uma presença constante na sua *narrativimagem*, e a figura paterna é silenciada; C. destaca o trabalho árduo dos pais que delegaram a sua criação a outra família, “a magia” da brincadeira acontecia na rua catando e descobrindo pedrinhas. A sua imagem - uma fotografia inspiradora - apresenta duas pedrinhas vermelhas que repousam sobre uma base de concreto; F. assume o método benjaminiano de escavação da memória: “[...] à medida que vou escrevendo parece que vou voltando a ser criança e vou me distanciando dos problemas peculiares do cotidiano de um adulto [...]

esforço de tentar lembrar das miudezas guardadas lá num lugarzinho dentro da cabeça e do coração.” O bule é o objeto que guarda as suas lembranças.

A imagem fotográfica é um certificado, como diria Roland Barthes (2015), de presença ou, em outras palavras, coloca uma presença imediata no mundo. Um real que não se pode mais tocar, mas que está ali nos afetando, ou seja, produzindo afetos. “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa” (Ibid, p.38). Plena, a ela não se pode acrescentar nada na sua materialidade. Barthes escreve essas reflexões no livro *A Câmara Clara*, no ano de 1979, sem ao menos suspeitar que estivesse por vir um suporte, o celular, e um ambiente, o digital, que iriam dar uma dimensão de “presença” ainda maior à fotografia. A exposição de suas ideias se mostra atemporal, principalmente quando caracteriza as sociedades hegemônicas como consumidoras de imagens e não de crenças. A cena a seguir é a caricatura dos novos tempos: “Diante dos clientes de um café, alguém me disse justamente: ‘Olhe como são apagados; hoje em dia, as imagens são mais vivas que as pessoas’” (Ibid. p. 98). O último parágrafo que finaliza *A Câmara Clara* é encerrado com a seguinte provocação:

Louca ou sensata? A fotografia pode ser uma ou outra: sensata se seu realismo permanece relativo, temperado por hábitos estéticos ou empíricos (folhear uma revista no cabeleireiro, no dentista); louca, se esse realismo é absoluto e, se assim podemos dizer, original, fazendo voltar à consciência amorosa e assustada a própria letra do Tempo: movimento propriamente revulsivo, que inverte o curso da coisa e que eu chamarei, para encerrar, de *êxtase* fotográfico. Essas são as duas vias da fotografia. Cabe a mim escolher, submeter seu espetáculo ao código das ilusões perfeitas ou afrontar nela o despertar da intratável realidade. (Ibid, p.99)

Cada *narrativimagem* é cercada de numerosos pontos de entrada. E todos esses pontos são acessíveis aos diferentes modos do olhar. O projeto *Arqueologia de Saberes, Imagens e Afetos* não tem o objetivo de inventariar, psicologizar ou analisar detalhadamente as *narrativimagens*. O destino traçado é colocá-las no vórtice e tensioná-las com as ideias dos pensadores que nos acompanham nessa travessia e pensar tempos e espaços outros do currículo na formação de professores. Cada leitor que se debruça na leitura das *narrativimagens* tem a responsabilidade de fazer as suas conexões no tempo presente ou futuro, as que estão aqui apontam para um contexto formador plural e eticamente responsável por suas existências. É uma inclinação espontânea para o impossível de ser único.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

ALVES, Nilda. *A narrativa como método na história do cotidiano escolar*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2000. p. 1-10.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.1.

_____. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1995, v.2.

_____. *Passagens*. São Paulo: Editora UFMG, 2006.

LARROSA Jorge. *Nota sobre a experiência e o saber da experiência*. Leituras SME Campinas SP. Julho 2001. *RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba*, v.11, n. 24, p. 53-67, jul/dez. 2011 – ISSN 1519-0919

SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia da letras, 2004.

[1] As *práxis poéticas* são ações e experiências sugeridas no âmbito da disciplina Arte e Educação, em um curso de formação de professores, que objetivam encarnar o discente de sua mitopoética, desvelar subjetividades e valorizar processos de criação.

[2] *Narrativimagens* é um conceito criado pelo autor que propõe a fusão entre a produção escrita e a criação imagética, pois considera que tanto uma quanto a outra, nesta experiência, são indissociáveis.

[3] O projeto *Arqueologia de Saberes, Imagens e Afetos* busca ordenar uma série de ações e experiências que colocam em evidência, sobretudo, memórias, processos simbólicos de subjetivação e criação, capturas e leituras do real na sua expressão poética.

[4] As narrativas não sofreram edição e parcialmente foram revisadas. Uma opção ética e político-pedagógica que preserva a natureza singular e a expressão da palavra escrita do discente. As narrativas imagéticas não foram editadas a fim de manter a mesma coerência. A identificação da autoria pelas iniciais do nome de cada discente objetiva seguir as normas da ANPED para que não ocorra a quebra de anonimato.